

Sustentar a Chama [escultura e sustentabilidade interior]: modelar possibilidades de conexão

Sustaining the Flame [sculpture and inner sustainability]: modeling connection possibilities

Sara Inácio

Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 1249 Lisboa, Portugal; sara.inacio@campus.ul.pt

Ciência ID: D619-6D7D-3689 , Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7142-6146>

Resumo

Numa época em que o planeta e a humanidade atravessam desafios complexos, estabelecemos ligações entre a prática da escultura e o conceito de sustentabilidade interior. Apresentamos o projeto *Sustentar a Chama* (2022), à luz da sabedoria budista e indígena - duas das tradições que mais têm aprofundado a interligação entre os seres humanos e não humanos. Na nossa perspetiva, a prática da escultura articula-se com a noção de sustentabilidade interior na medida em que potencia uma (re)ligação do ser humano consigo próprio e com a rede da vida da qual todos fazemos parte. O exercício da escultura, como via ritual e meditativa, é, assim, um modo de intervenção no mundo, e contribui para o equilíbrio sistémico da Terra e do Cosmos. Na prática da escultura, mais do que criar formas simbólicas, modelam-se possibilidades sustentáveis de existir em conexão, em unidade.

Abstract

At a time when the planet and humanity are going through complex challenges, we make connections between the practice of sculpture and the concept of inner sustainability. We present the project „Sustaining the Flame“ (2022), in light of Buddhist and indigenous wisdom - two of the traditions that have most deeply explored the interconnection between human and non-human beings. From our perspective, the practice of sculpture is articulated with the notion of inner sustainability insofar as it promotes a (re)connection of the human being with himself and with the network of life of which we are all a part. The practice of sculpture, as a ritual and meditative path, is thus a way of intervention in the world, and contributes to the systemic balance of the Earth and the Cosmos. In the practice of sculpture, more than creating symbolic forms, one models sustainable possibilities of existing in connection, in unity.

Palavras-chave

Escultura; sustentabilidade interior; ecoespiritualidade; ativismo interno; práticas contemplativas

Keywords

Sculpture; inner sustainability; eco-spirituality; inner activism; contemplative practices

1. Introdução

Protege a chama!
... se não se proteger a chama...o vento facilmente extingue a luz...
Joseph Beuys

Este ensaio é realizado no âmbito do 2º ano do Doutoramento em Belas Artes (especialidade de Escultura). O doutoramento, de carácter teórico-prático, intitulado ***Escultura e sustentabilidade interior: o potencial transformador da prática artística e das metodologias comunitárias***, tem como objetivo investigar o modo como a escultura é uma prática sustentável e um contributo na transição para a sustentabilidade. Temos como hipótese de trabalho a premissa de que

a sustentabilidade, num sentido geral, só se realiza genuinamente a partir da transformação de cada indivíduo (sustentabilidade interior). Neste sentido, o presente texto visa sensibilizar para a potencialidade que a prática da escultura tem na (re)criação de um mundo mais sustentável.

Apresentamos e refletimos criticamente acerca do projeto de escultura *Sustentar a Chama* (2022), da nossa autoria. Tal como propõe Linda Candy, acerca da prática reflexiva, consideramos que a partilha da experiência e do modo de criação de uma obra, bem como das referências teóricas e intenções subjacentes, é um processo de consciência, que pode trazer, também a outros artistas e investigadores, maior clareza e entendimento acerca da sua própria produção artística, das suas motivações e visões do mundo (Candy, 2020).

2. Sustentabilidade Interior¹

A humanidade e o planeta estão a atravessar desafios complexos em todas as dimensões e áreas de vida. O conceito de sustentabilidade tem-se tornado algo cada vez mais popular, o que é revelador da situação insustentável em que nos encontramos. Estamos na iminência da destruição total da Terra, há uma crise ambiental, que é também uma crise de identidade e de valores, que coloca em risco a vida no planeta (Caradonna, 2014; Kates et al., 2001; Marques, 2005; Redclift & Springett, 2015; WCED, 1987). A sustentabilidade a nível global (social, económico e ambiental) implica a transformação do ser humano e tem necessariamente de incluir uma dimensão subjetiva, ou, por outras palavras, existe a necessidade e a urgência de ter em conta a “vida interior” das pessoas - emoções, pensamentos, valores, espiritualidade, sentido de propósito e conexão entre o ser humano e a natureza (Dhiman, 2016; Hochachka, 2010; Horligns, 2015; Ives, Freeth & Fischer, 2019; Parodi & Tamm, 2019; Villido 2019, Wamsler, 2021; Wamsler et al. 2017; Woiwode et al., 2021). Existe a noção de que há uma hierarquia em relação aos passos necessários para um mundo sustentável - as mudanças devem ocorrer de dentro para fora, ou seja, devem ter início na vida interior de cada indi-

1 - Este conceito é equivalente a *sustentabilidade pessoal* ou a expressões como *dimensão interna da sustentabilidade*, *auto-sustentabilidade*, etc. (Tamm & Parodi, 2019).

víduo e só então estender-se para um nível coletivo. A sustentabilidade requer uma visão mais holística da existência - a perceção da interligação entre todas as formas de vida, a dimensão espiritual da ecologia (eco-espiritualidade) (Boff, 2010; Vaughan-Lee, 2013).

2.1. Sustentabilidade interior e prática artística

A conexão entre arte contemporânea e sustentabilidade é um tema cada vez mais abordado por artistas, teóricos, curadores e historiadores da arte, nomeadamente no estudo do papel dos artistas e da cultura enquanto agentes de mudança na transição para a sustentabilidade (Blanc & Benis, 2017; Dieleman, 2008; Fowkes & Fowkes 2012; Kagan, 2011). O processo criativo, diretamente relacionado com a vida interior (Kandinsky, 2017; Chafes, 2006), potencia a dimensão mais interna da sustentabilidade (Inácio, 2020, 2021; Sacks, 2019). Segundo Chogyam Trungpa existe uma relação entre a meditação, o desenvolvimento do potencial de cada indivíduo o processo criativo. A prática artística reflete e transforma o modo como percebemos o mundo e como escolhemos viver - de modo desatento, descuidado e predatório, ou com abertura, atenção e cuidado. O desenvolvimento da sabedoria, do sentido de espacialidade (vazio), da compaixão, da consciência desperta e dum sentido de apreciação pela vida, bem como a capacidade de expressar, com coragem, aquilo que é necessário em cada momento, são aspetos fundamentais na ‘dharma art’ (Trungpa, 2010). Para o autor, a criação artística proporciona, quer ao artista, quer ao observador, uma imersão no momento presente.

2.1. Sustentabilidade interior e práticas contemplativas

Tem sido explorada a relação entre práticas contemplativas e a sustentabilidade (Wamsler et al, 2017). Estas práticas, caracterizadas por uma atenção intencional e compassiva ao momento presente e ancoradas na ideia de interconexão entre todas as formas de vida e o planeta, enfatizam o valor de trazer a consciência, quer para ações e comportamentos individuais, quer para lidar com questões sociais e ambientais. Através da transformação interna de cada indivíduo, é possível viver de modo menos condicionado, menos robótico ou automático, e fazer escolhas mais conscientes (Villido, 2019). Contemplação, transformação, cuidado de si e do

planeta, desenvolvimento interior, são conceitos e práticas considerados fundamentais e basilares para a sustentabilidade. Um entendimento mais profundo acerca do indivíduo e das suas motivações internas bem como a expansão da consciência são aspetos enfatizados na sustentabilidade interior, motivo pelo qual vários autores se referem a uma revolução silenciosa ou revolução interior (Tamm & Parodi, 2019). Paulo Borges enfatiza a importância das práticas contemplativas, que permitem a mudança de uma cultura focada na produção, no consumo, no *ter* e no *fazer*, para modos de vida mais simples e centrados no *ser*. Deste modo há o “aprofundamento de outras possibilidades da consciência e da experiência humanas, como o maravilhamento contemplativo ante a beleza do mundo, o reconhecimento da não separação entre observador e observado e o silenciamento da mente e do pensamento conceptuais...[...]” (Borges, 2017, p. 16).

3. Sustentar a Chama

3.1. Conexão com os ancestrais

Sustentar a Chama (Fig. 1) é a segunda intervenção escultórica no terreno da quinta da minha família materna. Faz parte de um conjunto de obras dedicadas aos elementos da natureza (ar, terra, água, fogo, espaço), que têm vindo a ser criadas desde 2016. A primeira intervenção foi *Alvorada* (dedicada ao elemento terra) (ver anexo A) – uma série de esculturas efémeras modeladas em terra crua, numa área de cultivo.

Sustentar a Chama é uma escultura de carácter mais permanente e evoca o elemento fogo. Está instalada numa clareira da floresta, num espaço onde são realizadas queimas e fogueiras à volta das quais a família se junta (Fig. 2). A ideia para o projeto surgiu como uma imagem no espaço da mente, a partir da vivência do próprio local, do habitar o espaço em vários períodos de tempo, ao longo de muitos anos (Fig. 3 e Fig. 4). O fogo é o centro em torno do qual nos reunimos ciclicamente. Simbolicamente, este elemento está relacionado com o espírito, com o potencial criativo inerente a cada ser humano, com a alegria e a celebração, e está, também, presente na imagem arquetípica da tribo/comunidade/clã reunida à volta da fogueira.



Figura 1. Sustentar a Chama, 2022. Sara Inácio. Argila, pedras, grés, óxido de ferro. Altura: 130 cm.

Fonte: Sara Inácio



Figura 2. Detalhe da clareira antes da instalação da escultura Sustentar a Chama, Sertã, 2022. Fonte: Sara Inácio

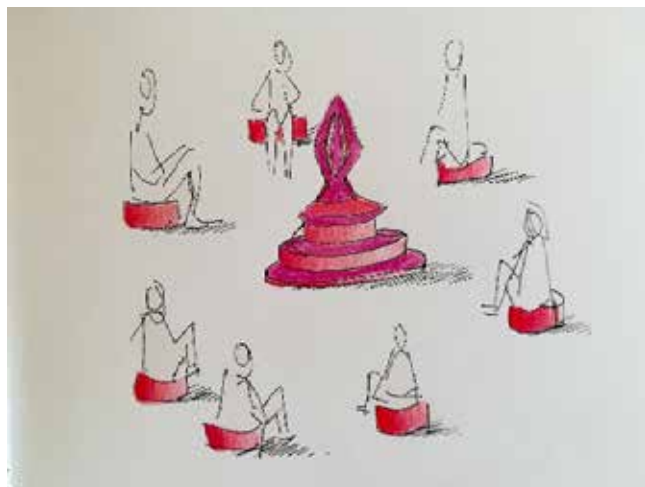


Figura 3. Projeto Sustentar a Chama (estudo para escultura de pedra, argila e cerâmica), Sara Inácio, 2021. Lápis de cor sobre papel, 21x19cm. Fonte: Sara Inácio



Figura 4. Projeto Sustentar a Chama (início da construção da maquete), Sara Inácio, 2021. Grés, 24 cm (alt). Fonte: Sara Inácio

A intenção, para a criação da escultura, foi a de honrar e homenagear os meus antepassados e, num sentido mais amplo e arquetípico, todos os antepassados, seres humanos e não humanos. Trata-se de um gesto de reconhecimento e de agradecimento por tudo o que é transmitido, continuamente, ao longo de várias gerações: o sangue, o fogo interior, a força de vida pulsante, a sabedoria, o amor e, também, a dor. É um ato poético em reverência à minha família de sangue mas também a todos os ancestrais, ascendentes e descendentes que, ciclicamente, surgem e ressurgem; uma celebração do calor do coração, da conexão intemporal (Fig.5).² Embora o processo não tenha decorrido como planeado (uma construção coletiva com toda a família, numa dinâmica meditativa), houve momentos de colaboração de alguns membros - na escolha do espaço da instalação, na recolha e transporte de materiais e em algumas opções estéticas.



Figura 5. *Coração Cósmico* (da série *Pulsar*). Sara Inácio, 2022. Lápis de cor sobre papel. 100x70cm. (Desenho realizado durante a criação da escultura *Sustentar a Chama*).
Fonte: Sara Inácio.

A construção da parte inferior da escultura, intercalando camadas de pedras e argila crua, teve como inspiração uma técnica antiga local, utilizada para edificar muros, currais, casas e espaços de armazenamento de cereais e outros produtos (Fig. 6). Com exceção do elemento cerâmico, foram utilizadas matérias primas do local (Fig. 7 e 8). Foi a primeira vez que, neste sítio, este método foi utilizado para construir algo que não tem uma utilidade tão óbvia ou imediata como uma parede ou um muro. O mesmo já havia acontecido na obra *Alvorada* (2016) - em que a terra foi utilizada sem ser para cultivar árvores, vegetais ou flores.



Figura 6. Exemplo de parede construída com pedra e argila. Sertã, 2022. Fonte: Sara Inácio.



Figura 7. Projeto *Sustentar a Chama* (detalhes da recolha e preparação da argila), 2021/2022. Fonte: Sara Inácio.

2 - Encontramos analogias entre esta ideia e o rito "Os cinco toques na Terra" concebido por Thich Nhat Hanh (Han, 2004).

O trabalho no espaço rural e com as matérias primas no seu estado natural acentua a consciência de que os constituintes do corpo dos seres vivos são os mesmos que existem, quer nos elementos não humanos, quer no espaço sideral. O ferro, por exemplo, existe no sangue, no sol, nas poeiras das galáxias e está presente também no pigmento utilizado para colorir o elemento cerâmico da nossa escultura. Através do contacto com a argila e com as pedras, com as “qualidades do seu íntimo”, pressente-se o cosmos, como afirmava Alberto Carneiro nas suas “Notas para um Manifesto de Arte Ecológica” (Carneiro, 2013, p. 103), ou, como o poeta Walt Whitman salienta: “[...]My tongue, every atom of my blood, form'd from this soil, this air, Born here of parents born here from parents the same, and their parents the same[...]”.

Thich Nhat Hanh salienta, precisamente, as relações e dinâmicas entre o nosso corpo e o cosmos. Refere que, a cada momento, estamos a ser alimentados, nutridos e sustentados pela terra e por todo o universo e, simultaneamente, estamos a emanar algo de nós para o universo – a expiração, as palavras, as ações, o calor e tudo o que expelimos pelo corpo. Há sempre um movimento nos dois sentidos, o pulsar da vida atravessa-nos, renova-nos e regressa ao cosmos, daí que o autor mencione que somos constituídos por um “corpo cósmico”: “O nosso corpo cósmico abrange todo o mundo fenomenal. A maravilha que é nosso corpo humano desintegrar-se-á um dia, mas nós somos muito mais do que este corpo humano. Nós somos também o cosmos, que é o fundamento do nosso corpo. Sem o cosmos, o corpo não poderia estar aqui. Com a compreensão do entre-ser podemos ver que existem nuvens dentro de nós. Existem montanhas e rios, campos e árvores. Existe luz do sol. Somos filhos da luz. Somos filhos e filhas do sol e das estrelas. Todo o cosmos está a reunir-se para sustentar o nosso corpo neste exato momento. O nosso pequeno corpo humano contém o inteiro domínio de todos os fenómenos” (Hanh, 2017, p. 46).

Segundo Joan Halifax, os nossos pais, mães, avós e todas as gerações anteriores, bem como as vindouras, vivem dentro de nós. Os locais, as terras, o meio ambiente em que eles viveram também têm influencia em nós (Halifax, 1993). A antropóloga estabelece uma relação entre ancestrais humanos e não humanos: “os ossos dos ancestrais, que jazem no

corpo da Terra, são transformados nos corpos das plantas e das criaturas, incluindo nós.” (Halifax, 1993, p. 191). Neste sentido, também as ribeiras, as rochas, as árvores, os mares, que já habitavam o planeta antes do surgimento da vida humana, são nossos ancestrais.

Oferecer respeito e reverenciar os ancestrais, nas suas várias formas, permite a conexão com o “continuum de toda a existência”, abarcando o passado, o presente e o futuro; é um modo de dar à luz aqueles que nos precederam e, assim, contribuir para a cura do planeta: “Até darmos à luz os nossos antepassados, a Terra não pode ser redimida do seu sofrimento. Excluir qualquer espécie do continuum da existência - consciente ou inconscientemente - é negarmos uma parte de nós mesmos”. (Halifax, 1993, p.194).

Esta compreensão da interligação e da continuidade entre todos os elementos e seres que compõem a rede de vida permite a expansão da noção de eu (*'self'*). Segundo Joanna Macy o *'self'* engloba a identidade e ações humanas. É em torno dele que criamos os instintos de auto-preservação, a necessidade de estabelecer fronteiras de acordo com os nossos interesses. A autora refere que esta noção de *'self'*, que Alan Watts define como o *'ego encapsulado'* e a que Gregory Bateson alude como “o erro epistemológico da civilização Ocidental” está a dar lugar a concepções mais abrangentes acerca da identidade, nomeadamente à ideia de *'eu ecológico'* (Arne Naess), que engloba os outros seres vivos e a vida da Terra. A autora refere-se à “ecologização do eu” (Macy, 2013, p.147), o processo de expansão da noção do eu, que passa a abranger o *ser* dos outros seres vivos, quer seja de outro humano, de uma árvore ou de uma baleia. A percepção de uma realidade separada, fora de nós, com a qual é necessário competir, dá lugar ao sentimento profundo de unidade com toda a vida. É a partir desta atitude que podem surgir as ações de preservação da vida terrestre. É necessário haver uma consciência da sacralidade de todos os elementos que compõem a vida, caso contrário será cada vez maior a poluição da água, do ar, a desflorestação, etc. Uma concepção mais abrangente do eu, bem como uma relação mais profunda com a Terra não podem emergir a partir de um esforço ou sacrifício para se alcançar um ideal



Figura 8. Projeto *Sustentar a Chama* (detalhes do processo de construção com pedras e argila e início da construção de elemento cerâmico), 2021/2022. Fonte: Sara Inácio.

altruísta ou moral; só se concretizam quando sentimos intimamente que “o mundo é o nosso corpo” (as florestas, por exemplo, são os nossos pulmões exteriores).

O processo de criação de *Sustentar a Chama* tem sido um meio de agradecimento e de conexão com a Terra, uma forma de estar presente, em comunhão com o mistério que é a Vida, de me perceber como parte integrante de um todo maior. É um modo de entrega, de retribuir o que recebo, de me reconectar com o espaço, com o fluxo criativo, com a abundância material e energética. A prática da escultura torna mais consciente e vívida a presença dos seres e dos fenómenos naturais - de manhã, as gotas do orvalho cobriam as lajes de xisto, o pôr do sol trazia uma tonalidade âmbar à argila; o vento gélido cortante anunciava o final do dia de trabalho; as aranhas vieram habitar pequenas frestas entre as pedras e a argila; os pássaros testemunharam todo o processo. Na nossa experiência, o exercício da escultura é uma via ritual, de sintonia interior - com o planeta, com todos os seres e com o Cosmos. A escultura foi criada para fazer renascer (dar à luz) os ancestrais (humanos e não humanos) e evoca uma função totémica e mágica, aspirando a um equilíbrio sistémico. Como salienta Joan Halifax: “o mundo é reequilibrado através da renovação da vida cerimonial que confirma a continuidade [da existência] (Halifax, 1993, p.193).

A nossa escultura é como um espaço sagrado, um altar, e convoca a vida interna do observador. A repetição das formas em vários tamanhos indicia uma expansão, como chamas e calor a irradiar a partir do centro de uma fogueira. A base - estável, sólida e firme, contrasta com o elemento cerâmico - aberto, dinâmico, ascendente.

Certos povos indígenas consideram a criação artística uma prática sagrada de conhecimento pois permite um entendimento mais profundo acerca do que significa ser humano. O trabalho artístico é precedido da realização de oferendas às matérias com que se vai trabalhar (Vicky, 2015). Este procedimento, para além de colocar a mente e o corpo num estado de concentração, denota uma reverência pela terra e pelos seus habitantes não humanos (pedras, rios, montanhas, árvores, etc.). A prática artística é considerada uma cerimónia, uma dádiva do ser humano à terra, com o po-

tencial de trazer cura e regeneração: “quando oferecemos a nossa substância à terra, a terra é renovada.” (Vicky, 2015, p. 51). É, assim, um ato medicinal, no sentido em que reestabelece uma relação de equilíbrio entre aquele que cria e a rede da vida à qual pertence.

A nossa aproximação e ressonância com este tipo de abordagem, é a expressão da vontade de recriar modos de existência em sintonia e reciprocidade com o mundo natural e humano. Como referem as autoras Nathalie Blanc e Barbara L. Benish, a propósito das ligações entre arte e sustentabilidade: “Não significa que os artistas estejam a regressar a um ofício romantizado proveniente de culturas nativas, mas sim que estão envolver-se com práticas tradicionais que ainda lembram como fazer, construir e existir com a natureza.” (Blanc, N. & Benish, B. L., 2017, p.210). O processo de criação de *Sustentar a Chama* é um modo de ativar esta conexão.

3.2. Processo meditativo

A escultura foi criada através de um processo meditativo, uma forma de meditação em ação, no sentido em que havia um aprofundamento do sentido de presença e da consciência (Mingyur, 2009). A atenção repousava, ora nas formas e materiais, ora na respiração, no movimento do corpo ou nas sensações e pensamentos que surgiam. Os processos artísticos e o contacto com matérias primas potenciam um estado atento, de total envolvimento: “a arte como prática de consciência alinha, silenciosamente, o corpo, a mente e a imaginação com o momento presente.” (Franklin, 2017, p.11). A repetição dos gestos de construção permite a estabilização e aprofundamento da atenção (Han, 2020). O trabalho com a matéria é demorado, impele a um abrandamento e a um certo esforço físico, ao longo de vários dias. Simultaneamente, fomenta um estado de receptividade e um sentido de espacialidade. No caso da cerâmica, há as várias etapas características deste ofício (conformação, secagem, cozedura, coloração), que acentuam um ritmo lento e requerem um conhecimento de técnicas e modos de fazer. Durante a construção da base, com pedra e argila, era como se, interiormente, estivesse a processar várias emoções, como se acesse à energia do lugar e dos antepassados e me sintonizasse com o seu potencial e a sua força, mas tam-

bém com a sua dor e sofrimento. Cada sensação que surgia ia sendo acolhida internamente. Imaginava que, para além de toda a tensão, erguia esta escultura como se alimentasse uma chama silenciosa, honrando a vida que se atualiza e flui através de cada nova geração.

Todos estes aspetos tornam evidente que a prática da escultura pode ser um sacro ofício, que propicia a coexistência da meditação e do labor.

Tendo em conta que a intenção com que realizamos qualquer ação tem um impacto em nós e ao nosso redor, no final de cada período de trabalho a prática artística era consagrada, para que qualquer benefício, gerado com o processo criativo, pudesse estender-se ao maior número de seres possível. Neste sentido, o exercício da escultura é uma forma de ativismo interno (a nossa expressão para designar algo equivalente ao conceito de ativismo subtil (Nicol, 2015)).

3.3. Ativismo subtil

As definições mais convencionais de ativismo remetem-nos para iniciativas e ações de apoio ou protesto em relação a certas causas sociais ou políticas. O ativismo subtil (Nicol, 2015) assenta no princípio de que a transformação individual e coletiva estão profundamente interligadas. Práticas como a meditação, a prece, rituais ou certas formas de criação artística são modos menos explícitos de ativismo mas exercem a sua influência, quer a nível individual, quer criando um campo coletivo de consciência. O ativismo subtil é considerado um complemento importante a formas explícitas de intervenção, e engloba um conjunto de práticas de consciência ('consciousness-based practices') com o intuito de sustentar a transformação coletiva. Neste sentido, a motivação e o intuito que impulsionam a criação de uma obra artística são um fator importante e podem estar direcionados, por exemplo, para o equilíbrio planetário ou para a paz.

5. Conclusões

Na nossa perspetiva, a prática da escultura articula-se com a noção de sustentabilidade interior e de ativismo interno em vários sentidos: por um lado, potencia um estado de reatividade, e o direcionamento da atenção para a vida interior e para o momento presente, favorecendo a autotransformação; simultaneamente, contribui para um equilíbrio

sistémico – o estabelecimento de relações sustentáveis consigo, com os outros, com a natureza, com o planeta. A criação de *Sustentar a Chama* intensificou a presença dos ancestrais (humanos e não humanos), permitindo uma (re) ligação. Neste sentido, a produção de uma escultura pode ser um ritual de reconexão com o fluxo da existência, um ato de celebração e reverência por todas as formas de vida. O exercício da escultura, quer seja um processo individual e interno, quer envolva vários indivíduos e comunidades, é um modo de intervir, harmonizar e cuidar do mundo.

6. Anexo A

Alvorada consiste num conjunto de esculturas efémeras em terra crua, criadas num terreno rural.

Foram realizadas ao nascer do sol. Cada forma deu origem à seguinte de modo espontâneo, sucessivamente, ao longo de vários dias. Não havia planos nem julgamentos relativamente ao que ia emergindo. As formas surgiram do contacto com a terra e exploram as suas potencialidades plásticas. Os veios e volumes modelados foram os possíveis naquela porção de solo, atendendo à consistência e grau de (des) agregação do material. Ações escultóricas como alisar, escavar, arredondar, pressionar, edificar, transformar foram tentativas reais e metafóricas de reconhecer e reavivar o sentimento de pertença e de comunhão com a Terra. A materialização de formas na terra intensificou a percepção, quer do espaço interno do corpo, quer do espaço envolvente.



Figura 9. série *Alvorada*; esculturas efémeras em terra crua; várias dimensões; 2016. Sara Inácio. Sertã. Fonte: Sara Inácio.

Referências bibliográficas

Blanc, N.; Benis, B. L. (2017). *Form, Art and the Environment: Engaging in Sustainability*. Routledge.

Boff, Leonardo (2010). *Ética e ecoespiritualidade*. Vozes.

Borges, P. (2017). *Meditação, a liberdade silenciosa: Da mindfulness ao despertar da consciência*. Edições Mahatma.

Candy, L. (2020). *The Creative Reflective Practitioner: Research Through Making and Practice*. Routledge

Caradonna, J. L. (2014). *Sustainability: A history*. Oxford University Press.

Carneiro, Alberto (2013). *Arte Vida/ Vida Arte*. Fundação de Serralves.

Dhiman, S.; Marques, J. (Eds.). (2016). *Spirituality and Sustainability: New horizons and exemplary approaches*. Springer.

Franklin, M. A. (2017). *Art as contemplative practice: expressive pathways to the Self*. Suny Press.

Halifax, J., (1993). *The Fruitful Darkness: A Journey Through Buddhist Practice and Tribal Wisdom*. Grove Press.

Han, B. C. (2020). *Do desaparecimento dos rituais: uma topologia do presente*. Relógio d'Água.

Hanh, T. N. (2004). *Criar a verdadeira paz: Como acabar com a violência em si próprio e no mundo*. Pergaminho.

Hanh, T. N. (2017). *The Art of Living: Peace and Freedom in the Here and Now*. Harper Collins.

Hochachka, G. (2010). *Developing sustainability, developing the Self: An integral approach to international and community development*. University of Victoria.

Horlings, L. G. (2015). The inner dimension of sustainability: personal and cultural values. *Current Opinion in Environmental Sustainability*, 14, 163-169. doi: 10.1016/j.coust.2015.06.006

Inácio, S. (2020). Escultura e sustentabilidade: a dimensão interna. *Cadernos de arte pública*, vol.2, n.1, 120-131. doi: 10.48619/cap.v2i1.357

Inácio, S. (2021). Silêncio, contemplação e vazio na prática da escultura. *RIACT*, 2, 82-116.

Ives, C.D., Freeth, R. & Fischer, J. (2020). Inside-out sustainability: The neglect of inner worlds. *Ambio* 49, 208-217. doi:10.1007/s13280-019-01187-w

Kagan, S. (2011). *Art and Sustainability: Connecting Patterns for a Culture of Complexity*. Transaction Publishers.

Kates, R. W., Clark, W. C., Corell, R., Hall, J. M., Jaeger, C. C., Lowe, I., Svedin, U. (2001). Sustainability science. *Science*, 292(5517), 641-642.

Macy, J. (2013). The greening of the self. In Vaughan-Lee, L. (Ed.), *Spiritual ecology: the cry of the Earth* (153-162). The Golden Sufi Center.

Marques, V. S. (2005). *Metamorfoses: Entre o colapso e o desenvolvimento sustentável*. Biblioteca das Ideias.

Mingyur, Y. (2009). *The Joy of Living: Unlocking the secret and science of happiness*. Bantam Books.

Nicol, D. (2015). *Subtle activism: the inner dimension of social and planetary transformation*. Suny.

Redclift, M.; Springett, D. (Eds). (2015). *Routledge International Handbook of Sustainable Development*. Routledge.

Sacks, S. (2019). Sustainability without the I-sense is non-sense: inner “technologies” for a viable future and inner dimension of sustainability. In Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.), *Personal Sustainability: Exploring the far side of sustainable development* (pp. 253-277). Routledge

Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.). (2019). *Personal Sustainability: Exploring the far side of sustainable development*. Routledge.

Trungpa, C. (2008). *True Perception: The Path of Dharma Art*. Shambala.

Vaughan-Lee, L. (Ed.), *Spiritual ecology: the cry of the Earth*. The Golden Sufi Center.

Vicky, K. (2015). To see, to know, to shape, to show: The path of an indigenous artist. In Susan Walsh, S.; Bickel, B. & Leggo, C. (Eds.), *Arts-based and contemplative practices in research and teaching: Honoring presence* (pp. 45-55). Routledge.

Villido, I. (2019). Awareness as the new paradigm for personal sustainability: a practitioner’s perspective on the sustainability transition. In Tamm, K.; Parodi, O. (Eds.), *Personal sustainability: Exploring the far side of sustainable development*. Routledge.

Wamsler, C. (2021). Inner transformation to sustainability as a deep leverage point: fostering new avenues for change through dialogue and reflection. *Sustain Sci*, 16, 841-858. doi:10.1007/s11625-020-00882-y.

Wamsler, C., Brossmann, J., Hendersson, H.; Kristjansdottir, R.; McDonald C.; Scarampi, P. (2017). Mindfulness in sustainability science, practice, and teaching. *Sustainability Science* 13, 143-162. doi: 10.1007/s11625-017-0428-2.

Woiwode, C., Schöpke, N., Bina, O., Veciana, S., Kunze, I., Parodi, O., Schweizer-Ries & P., Schley, S. (2006). Sustainability: the inner and outer work. In Senge, P.; Laur, J.; Schley, S.; Smith, B., *Learning for sustainability* (96-104). SOL (Society for Organizational Learning).

World Commission on Environment and Development (WCED) (1987). *Our Common Future*. Oxford University Press.

